

Crônicas de Sérgio Blank

Chronicles of Sérgio Blank

Paulo Roberto Sodré*

"A vida ao rés do chão". Essa expressão de Antonio Candido, em seu breve mas certeiro estudo sobre a crônica (2003), é o portal a partir de que é possível adentrar uma série de textos cujo traço é justamente o de atrair o delineamento de diversos gêneros, como o conto, o miniconto, o poema em prosa, a reportagem, a resenha, o comentário, o que Machado de Assis, Lima Barreto, Rubem Braga, Clarice Lispector, José Carlos Oliveira, Marilena Soneghet, Ana Laura Nahas, José Irmo Gonring ou Mara Coradello expõem em seus breves trabalhos publicados inicialmente em jornais e depois em livros. Esse aspecto multiforme e essa fronteira muitas vezes ínfima da crônica em relação aos outros gêneros desconcertam leitores e pesquisadores quando a pergunta inevitável eventualmente emerge: isso é uma crônica?

Está ultrapassada, como se sabe, a discussão que pretenda "enquadrar", "delimitar" ou "cercar" um texto literário em categorias absolutas de gênero textual artístico. Isso não significa, contudo, que se perdeu a função crítica de

* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

uma leitura que objetive observar mais atentamente os textos, dando-lhes “[...] um certo marco de interpretação assim como determina o marco de qualquer leitura”¹ (GŁOWIŃSKI, 1993, p. 109). Esse argumento cauteloso – que implica, por exemplo, a necessidade de um crítico reconhecer, antes de sua interpretação, que determinado poema está inserido na tradição dos festivos ditirambos e não dos festeiros epitalâmios, afastando-o de possíveis desinformações e deduções equivocadas em sua leitura – é autorizado igualmente por Thomas Kent (1985) e Mikhail Bakhtin (1997), atentos à importância do estudo do gênero na adequada interpretação (mas não mera “catalogação”²) dos textos.

Tal método pode ser aplicado em especial a trabalhos verbais artísticos publicados avulsa e despretensiosamente em miscelâneas (em geral recolhas de textos cuja “classificação” ou relevância escapam ao que caracteriza pontualmente a obra de um autor), colunas de jornais ou outra mídia ocasional, que podem passar despercebidos como produções literárias, seja porque o autor não lhes deu maior importância na altura de sua produção circunstancial, seja porque os leitores os receberam como um texto “solto” ou “ajustado” ao objetivo ou função da miscelânea ou da coluna jornalística em que foi editado. Mais especificamente, estamos considerando dois textos que o poeta Sérgio Blank publicou em “O que você está lendo”, uma das colunas do “Caderno Dois” de *A Gazeta*, nos anos de 1990. Nossa hipótese é de que se trata de crônicas, embora eles tenham sido provavelmente produzidos e lidos como uma breve resenha sobre leituras que o poeta havia feito.

A teoria dos gêneros literários formulada por Fernando Cabo Aseguinolaza (1992) nos levou a repensar a recepção daqueles textos de Blank, uma vez que o

¹ “[...] un cierto marco de interpretación así como determina el marco de cualquier lectura” (GŁOWIŃSKI, 1993, p. 109).

² Fernando Cabo Aseguinolaza chama atenção para a necessidade de se pensar o estudo dos gêneros ou genologia para além das classificações e da “exuberância taxionômica”: “Os gêneros têm a ver com as classificações, mas não por si mesmos”. (“Los géneros tienen que ver con las clasificaciones, pero no lo son por sí mismos”) (1992, p. 145).

pesquisador galego apresenta a tese de que o conceito de gênero depende das três instâncias fundamentais na comunicação literária, isto é, o autor, o receptor e a crítica, considerada um receptor especial, dada a sua competência nos estudos literários. Nesse sentido, Cabo Aseguinolaza³ propõe a noção de gênero autoral (“género autorial”), identificado com a intenção enunciada do autor e dependente do contexto histórico da produção da obra (CABO ASEGUINOLAZA, 1992, p. 240); de gênero receptivista (“género de la recepción”), relacionado com o referente de leitura que um leitor adota, definindo sua própria posição ante o desafio que supõe a leitura de uma obra nova (p. 289), e de gênero crítico (“género crítico”), não (re)conhecido na época em que a obra foi editada, mas no(s) comentário(s) teórico(s) que o evidenciou(aram) (p. 303). Como exemplo dessas noções e motivo de sua tese, Cabo Aseguinolaza indica a literatura picaresca. Em termos sintéticos, para este estudioso os autores de narrativas picarescas não tinham como intenção a produção do que, tempos depois, seria considerado o “gênero picaresco”, porque era tanto para eles como para seus leitores contemporâneos um gênero desconhecido; achavam que estavam diante de uma literatura satírica ou de miscelânea. Somente como resultado de comentários, análises e interpretação desses textos, *a posteriori*, é que os críticos perceberam os traços de um gênero distinto, criaram o termo e etiquetaram-no: “picaresca”.

Para o que interessa ponderar neste trabalho, o gênero crítico pode ser compreendido

como uma unidade meta-textual, resultado de uma ação de pós-processamento [como tradução, comentário, escritura de novos textos etc.] ou transformação, formulada, portanto, de uma maneira explícita, e que aparece vinculada a um determinado *corpus* literário, delimitado a partir de enfoques crítico-teóricos que podem ser precisados⁴ (CABO ASEGUINOLAZA, 1992, p. 303).

³ Retomamos aqui algumas considerações que expusemos a esse propósito no estudo de gêneros das cantigas femininas galego-portuguesas (SODRÉ, 2008).

⁴ “[...] como una unidad metatextual, resultado de una acción de postprocesamiento [Tradução, comentário, escritura de novos textos etc.] o transformación, formulada, por tanto, de una manera explícita, y que aparece vinculada a un determinado *corpus* literario, acotado desde unos

Assim compreendido, o gênero crítico seria resultado de uma decisão crítica (CABO ASEGUILAZA, 1992, p. 299), fundamentada em aportes crítico-teóricos e assumida não como catalogação, mas hipótese ou pista para se receberem e se compreenderem de modo mais objetivo os textos que se dão a ler, os quais não foram devidamente considerados ou examinados pelo autor nem pelo receptor imediato. No caso de Blank e de seus leitores, os comentários pessoais sobre livros que, em nosso entender, resultam em crônicas.

Estas, que receberam inúmeros estudos e teorizações, ganham um retrato conceitual a nosso ver ainda exato:

Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela [a crônica] se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição [...].

[...] vamos pensar um pouco na própria crônica como gênero. Lembrar, por exemplo, que o fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase. [...] Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor (CANDIDO, 2003).

Em que pese a clareza de Candido na observação da crônica, a dificuldade de sua definição é exposta por Davi Arrigucci Júnior, que, historiando o gênero e suas grandes expressões no Brasil, afirma que, “Despretensiosa, próxima da conversa e da vida de todo dia [...] é difícil de definir como tantas coisas simples” (1987, p. 51). De todo modo, concebe-a como “um relato em permanente relação

planteamientos crítico-teóricos que pueden ser precisados” (CABO ASEGUILAZA, 1992, p. 303).

com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido” (p. 51).

Wilberth Salgueiro, ao tratar de Rubem Braga, apoia-se nas ideias de Candido e destaca outro aspecto da crônica: “O interesse de Braga pelas pessoas comuns afiança a sinceridade do desejo de cumplicidade com as coisas simples da vida – marca, aliás, típica do gênero, como mostrou Antonio Candido [...]” (SALGUEIRO, 2014, p. 237).

Do ponto de vista estrangeiro, a observação do gênero ganha ainda uma consideração interessante. Para a portuguesa Annabela Rita, “A crônica contemporânea, discurso de autor, oscila entre ser predominantemente comentativa, reflexiva, e efabulatória (p. ex., no espaço brasileiro, ela assume a feição do conto breve)” (2009). Em outros termos, a crônica oscila entre diversos gêneros, como o comentário e o conto breve, o que evidencia seu hibridismo.

Conhecendo e apreciando as crônicas, Sérgio Blank preferiu, no entanto, se dedicar aos poemas, desde que estreou em 1984 com *Estilo de ser assim tampouco*, cujos temas voltados para a solidão e a passagem estrangeira pelo mundo foram desenvolvidos à luz de uma linguagem insistentemente criativa (uso irônico de clichês, estrangeirismos e palavras quase em desuso, por exemplo). Sua fortuna crítica, que compreende ensaios breves de Fernando Tatagiba (1984) e Rita de Cássia Maia (1997) e dissertações, como a de Sinval Paulino (2007), além de vários artigos, revela constantemente o poema como sua expressão preponderante. Apenas uma exceção se deu em sua produção de escritor fundamentalmente lírico e contemporâneo: *Safira*, de 1991, uma obra em prosa para crianças.

Neste trabalho preliminar, o objetivo é analisar dois textos de Sérgio Blank, “Dois dedos de prosa com Amylton de Almeida” (1996) e “Poesia em meados de

fevereiro” (1998)⁵, publicados na coluna “O que você lendo?”, do “Caderno 2” de *A Gazeta*, em Vitória, e avaliar sua adesão ao gênero crônica⁶, a partir de seu conceito proposto por Antonio Candido e da noção de gênero crítico de Fernando Cabo Aseguinolaza.

Esses textos de Blank foram motivados pela fatura de uma pequena resenha simples sobre livros de dois autores da época, Amylton de Almeida e Caê Guimarães, para publicação na coluna bem conhecida dos leitores do jornal naquela ocasião e, em especial, pelos pares: era aguardada a apreciação geralmente breve e despretensiosa de leitores sobre suas leituras, não poucas vezes de escritores locais. Uma observação do editor da coluna nos indica o propósito e o funcionamento da coluna: “Este espaço está reservado a colaborações voluntárias (limite de 30 linhas), com opiniões sobre **Livros** e identificação do autor. O material recebido será avaliado pelo **Caderno Dois**”. Assim, Blank apresentou e teve seus textos aprovados pelos editores do jornal, que o acolheram como uma apreciação de livros, uma resenha breve.

Na primeira leitura desses textos, e uma vez que eram aguardados como “resenhas”, ainda que breves, não parece ter ocorrido ao autor nem aos receptores sua dimensão cronística. Contudo, numa análise mais distanciada e detida, salta aos olhos o vínculo do texto com aquilo que nos acostumamos, apesar do hibridismo do gênero, a ler como crônicas.

⁵ O acesso a esses textos ocorreu no Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples), onde estão guardados como recortes de jornal (cujo fac-símile reproduziremos mais adiante). Ao relê-los, tantos anos depois, demo-nos conta de sua relevância como possíveis crônicas e, por conseguinte, como outra vertente da produção literária de Sérgio Blank ainda, talvez, não observada. Um levantamento mais completo dessas contribuições do poeta nos jornais locais deverá ser feito em outro momento, para avançarmos no comentário que aqui apenas introduzimos.

⁶ Vale notar que esse periódico local dispõe de uma coluna específica para a crônica, assinada por vários escritores, como Casé Lontra Marques, Elisa Lucinda, Francisco Grijó, entre outros.

O primeiro texto traz uma ponderação sobre *Autobiografia de Hermínia Maria*, romance de Amylton de Almeida, publicado em 1994⁷. Os cinco parágrafos de Blank apresentam ao mesmo tempo a indicação da leitura da narrativa de Almeida, a história particular da relação entre os escritores, Amylton e Sérgio, a leitura dos originais do romance, a homenagem póstuma e a reflexão sobre o que une os dois: a língua portuguesa.

DOIS DEDOS DE PROSA COM AMYLTON DE ALMEIDA

Há mais ou menos dez anos, tive o privilégio de ler os originais do romance *Autobiografia de Hermínia Maria*, de Amylton de Almeida. Sempre que me foi permitido, insistia com ele para que publicasse o livro, devido à sua originalidade e poesia. Amylton desconversava brincando, dizendo que literatura é esquizofrenia e que ler muito faz mal para a vista. Mas logo depois, entre suspiros, confessava seu medo de mexer em certas dores que se escondiam nas entrelinhas daquele tijolo de papéis datilografados.

No próximo dia 21 de março, quinta-feira, Amylton faria 50 anos de idade. O único presente que posso ofertar-lhe, hoje, é a emocionada releitura, depois de tanto tempo, de *Autobiografia de Hermínia Maria*, agora já editado pela Ufes.

Um livro sofisticado, talvez complicado para alguns, de uma poesia inevitável. Obra-prima já esboçada nos seus outros livros: *A passagem do século* e *Blissfull agony*. Por sinal, deveriam ser reeditados.

Nas minhas visitas à sua casa, Amylton sempre me entregava uma pilha de cerca de dez livros e exigia a minha leitura. No outro dia me ligava exigindo de volta os seus livros que eu "roubei", senão me denunciaria a duas pessoas: Deus e o mundo. Graças a estas brincadeiras espirituosas passei a conhecer Guy de Maupassant, Emily Dickinson, Sherwood Anderson, Tchecov, Katherine Mansfield, entre outros tantos. Amylton de Almeida está ao lado deles hoje, não sei se só na minha estante ou em outros lugares. Minha capacidade de entendimento só vai até onde meus olhos alcançam e neste instante apenas uma tarde na janela.

Desde a Escola Primária desconfieei da difícil e cruel Língua Portuguesa. Crueldade exemplificada no fato que é a única língua do mundo que define o sentimento *saudade* (BLANK, 1996, p. 4).

⁷ Jornalista, cineasta, crítico de cinema e de literatura, dramaturgo e romancista, Almeida nasceu em 1946, em Afonso Cláudio, Espírito Santo, e faleceu em 1995, em Vitória, Espírito Santo, aos 49 anos.



Fac-símile da crônica de Sérgio Blank, de 1996.

O texto de Blank atende à expectativa inicial dos editores da coluna do jornal, na medida em que responde à pergunta-título: o que você está lendo? Mas ultrapassa-a. Em vez de se restringir a informar o leitor de suas impressões de *Autobiografia* (seu escopo, seu andamento narrativo, seu arcabouço intertextual, seus possíveis sentidos etc.), Blank destaca sua própria relação com o autor: leitor dos originais, incentivador da publicação, confidente dos temores de Almeida, para, em seguida, voltar-se para o livro em pauta: "Um livro sofisticado, talvez complicado para alguns, de uma poesia inevitável. Obra-prima já esboçada nos seus outros livros: *A passagem do século* e *Blissfull agony*. Por sinal, deveriam ser reeditados".

Embora estabeleça um processo de maturação na produção narrativa almeidiana ("Obra-prima já esboçada nos seus outros livros: *A passagem do século* e *Blissfull agony*"), Blank não explica o que há, segundo ele, de "sofisticado" no romance, como se efetua sua "poesia" nem como as narrativas *A passagem do século* (1977) e *Blissfull agony* (1988) antecipam ou esboçam o que seria sua realização plena em *Autobiografia*. Decerto, não interessava a Blank esses deslindes crítico-literários. O que Blank (re)lê ou recorda é, por um lado, seu tempo de formação de leitor ensejado por Almeida, que lhe franqueou a atenção, os "originais" de uma obra-prima e a biblioteca particular ("Guy de Maupassant, Emily Dickinson, Sherwood Anderson, Tchecov, Katherine Mansfield, entre outros tantos"); por outro, o tempo esvaziado pela morte de Almeida, ocorrida cerca de um ano antes.

Essa percepção é o ponto catalisador de todo o texto, expresso na delicada passagem: “Amylton de Almeida está ao lado deles hoje, não sei se só na minha estante ou em outros lugares. Minha capacidade de entendimento só vai até onde meus olhos alcançam e neste instante apenas uma tarde na janela”.

Três ideias são justapostas habilmente nesse trecho: com *Autobiografia* Amylton se equiparou e passou a ladear Maupassant, Dickinson, Anderson, Tchecov, Mansfield, entre outros tantos autores de obras-primas; com sua morte, talvez esteja “em espírito” com esses e outros mortos vinculados pela literatura grandiosa; incapaz de acreditar nesta possibilidade espiritualista de sobrevivência, contenta-se com o livro de Almeida na estante de excelentes e com a tarde na janela, o que sugere seu estado melancólico diante da passagem do tempo e da ausência do romancista.

O último parágrafo, quase sentimental e aparentemente desconectado da sequência de impressões sobre *Autobiografia* e a ausência de Almeida, explicita o que os quatro anteriores apenas insinuam: a saudade, evidência da natureza cruel da língua portuguesa, por ser esta a única a fazer constar em seus dicionários a explicação de uma palavra e de seu o sentido triste da ausência.

Percebe-se que a resposta à questão indicada pela coluna é, na verdade, um pretexto para a reflexão sobre a falta e a paradoxal presença de um autor em seu livro. E esse pretexto, envolvido numa narrativa de afetos ora melancólica, ora humorística (“No outro dia me ligava exigindo de volta os seus livros que eu ‘roubei’, senão me denunciaria a duas pessoas: Deus e o mundo”)⁸, expõe certa

⁸ Como não pretendemos discutir em pormenores o que nos leva a perceber esse trecho como “humorístico”, basta para já a ideia de que se trata de frases que nos possibilitam, nesse caso pontual, o riso por meio de uma mudança súbita de situação, como pensa Terry Eagleton: “[...] o humor surge do impacto entre aspectos incongruentes: uma súbita mudança de perspectiva, um deslize inesperado de significado, uma atraente dissonância ou discrepância, uma momentânea desfamiliarização do familiar e assim por diante. Como temporário ‘descarrilamento’ do sentido, ele envolve a perturbação do processo ordeiro de raciocínio ou a violação das leis e convenções” (2020, p. 61). Nesse sentido, o episódio do empréstimo de livros por Almeida, ato de generosidade intelectual, se reverte, súbita e pilhericamente, em episódio de acusação de

biografia do *leitor* Blank mais do que do *autor* de *Autobiografia*. Despretensioso, revelando o efeito afetivo mais do que formativo e intelectual de um livro, o texto humaniza a ideia de leitura, como logra a crônica observada por Candido.

No segundo texto de Blank, a dimensão temporal e a subjetividade, percebidas no texto anterior, são retomadas de maneira mais humorística⁹, a despeito da tarde de chuva, quando o autor escreve sua espécie de resenha:

POESIA EM MEADOS DE FEVEREIRO

Já me pediram para definir o que é poesia. E minha resposta é um ponto de exclamação seguido de um gordo ponto de interrogação. Em 1998 faz 15 anos que publiquei meu primeiro livro de poesia e como não sei valsar, nem tenho par para tanto, comemoro do meu jeito: sem jeito. Já fui difamado por ser solteiro, intitulado de chupa-gás, bebe-gás ou seca-gás, aquele indivíduo que frequenta a Casa de Tolerância da Madame Poesia e se demora muito, conversa, dá uns dedos de prosa e não pede a mão da moça em casamento. Os que me insultam não entendem, o afeto, a minha dedicação, de joelhos à Poesia, é amor platônico. Amor este, fiel, porém, sujeito a intempéries. Ao encontrar outras formas de se fazer arte dou três beijos na face, para casar, e quatro para arranjar amante.

O chove-não-molha das últimas linhas escritas na tarde de pancada d'água em fevereiro à tarde, serve de introdução à apreciação de um livro e, notícias fresquinhas, como pastéis de vento, sobre a Poesia.

Leio *Por baixo da pele fria*, do jornalista e poeta Caê Guimarães. Fico feliz ao saber que a Dona Poesia mantém seu *rendez-vous* aberto aos jovens. Caê Guimarães nos oferta um livro de poesias modernas e contemporâneas. E fique bem claro: trata-se de um elogio. Ele traz versos me causando a impressão de que precisam ser lidos em voz alta, com a boca cheia de palavras bem escolhidas, com olhos abertos, com os sentidos atentos e fortes, antes que cheguem as formigas e a escuridão. Bem-vindo, Caê, ao naufrágio. *Por baixo da pele fria* seja o primeiro dos seus próximos 15 anos.

Um passarinho verde me contou um pio – Reinaldo Santos Neves está com um pé na rima e outro no soneto. Seu primeiro livro de poemas

"roubo" dos livros por parte de Blank e de ameaça de denúncia a "apenas" duas pessoas (Deus e o mundo) por parte de Almeida.

⁹ Além da noção de "uma súbita mudança de perspectiva" (o *poeta* que "deveria saber" o que é *poesia* e "confessa" ironicamente "não sabê-lo"), ocorrem ainda no texto o apelo ao exagero e à autocaricatura do poeta ("intitulado de chupa-gás, bebe-gás ou seca-gás"), recursos comuns no texto humorístico (PROPP, 1992).

está quentinho no forno: *Poemas crespos*¹⁰. Tenho certeza de biscoitos finos, como diziam os antigos e sensatos. E cantou no fio – Lucimar Cardozo conseguiu a proeza de uma segunda edição do livro *Avesso*, suas poesias. Feito de poucos. De fato.

A chuva passa e, sem jeito, fico por aqui (BLANK, 1998, p. 4).



Fac-símile da crônica de Sérgio Blank, de 1998.

Igualmente apoiado em cinco parágrafos, o texto é iniciado com uma jocosa observação sobre a “incompetência” do poeta para definir “poesia”, pois o máximo que ele apresenta a seus indagadores é um “um ponto de exclamação seguido de um gordo ponto de interrogação”. Tal resposta, percebe-se depois, é modéstia irônica, uma vez que o autor completa 15 anos da publicação de seu primeiro livro, o que ele comemora “sem jeito”. Em seguida, continua a brincar com seus interrogadores e difamadores, que o tomam por “chupa-gás, bebe-gás ou seca-gás”, por frequentar “a Casa de Tolerância da Madame Poesia”, onde, apesar de continuar solteiro sem se comprometer com a “moça” Poesia, é acolhido devidamente, já que seu amor, além de platônico, está “sujeito a intempéries”. Esse preâmbulo, nos termos ainda humorísticos de Blank, “chove-não-molha”, locução divertida que joga com o fato de o texto, como o anterior, ter sido escrito numa tarde chuvosa de fevereiro, prepara o tema central do texto:

¹⁰ Refere-se Blank ao livro que, na versão final e publicada, recebeu o título *Muito soneto por nada* (1998).

a “apreciação de um livro e, notícias fresquinhas, como pastéis de vento, sobre a Poesia”.

O livro em pauta principal é *Por baixo da pele fria*, de 1997, livro de estreia de Caê Guimarães¹¹. O tratamento crítico dado à leitura dos poemas ganha algum fôlego, comparado ao dedicado ao romance de Amylton de Almeida. Para Blank, Guimarães traz “poesias modernas e contemporâneas”, com versos “causando a impressão de que precisam ser lidos em voz alta, com a boca cheia de palavras bem escolhidas, com olhos abertos, com os sentidos atentos e fortes, antes que cheguem as formigas e a escuridão”. Como se nota, prevalece a “impressão” poética na observação crítica de Blank, na medida em que os adjetivos e locuções (“modernas”, “contemporâneas”, “palavras bem escolhidas”), por serem amplos e neles caberem muitos sentidos, resultam, em termos críticos, imprecisos, sem darem ao leitor da coluna o que se pode esperar efetivamente do livro do jovem poeta (“Fico feliz ao saber que a Dona Poesia mantém seu *rendez-vous* aberto aos jovens”). Intensifica o poético do trecho a relação que Blank faz entre a “boca cheia de palavras bem escolhidas”, metáfora da vida *em* poesia, e a boca cheia de “formigas e escuridão”, metáfora da morte. Antes que esta seja uma realidade, e ainda que viver e viver na poesia sejam “um naufrágio”, um lento afundar-se na morte, deseja Blank que Guimarães viva sua poesia por mais 15 anos, como ele próprio.

Como no primeiro texto, Blank não está interessado em posições críticas, já que, como anunciado desde o parágrafo inicial, ele “não sabe” responder o que seja poesia senão com exclamação e interrogação. Entretanto, fazendo *poesia* há 15 anos¹², compreende a dimensão de seu valor como poeta – é como “poeta”, aliás,

¹¹ *Caê Guimarães* (Carlos Eduardo Guimarães), nascido em 1970, Rio de Janeiro, e desde 1974 vivendo no Espírito Santo, é jornalista, redator publicitário e escritor.

¹² Até o ano da publicação do texto, Blank havia editado os livros de poema: *Estilo de ser assim, tampouco* (1984), *Pus* (1987), *Um*, (1988), *A tabela periódica* (1993) e *Vírgula* (1996).

que o autor assina os dois textos, como se pode perceber nos fac-símiles das colunas que analisamos – e o de Caê. Mas não só.

O penúltimo parágrafo, à guisa de “notícias fresquinhas, como pastéis de vento, sobre a Poesia”, anuncia dois empreendimentos surpreendentes para Blank: o retorno de Reinaldo Santos Neves, reconhecido romancista e contista, à produção de poemas, nesse momento ainda com título provisório, *Poemas crespos*, garantia de “biscoitos finos”, metáfora dos “antigos e sensatos” para poemas refinados, e a “proeza” da segunda edição do livro de poemas *Avesso*, de Lucimar Cardozo. Ambas as notícias são humoristicamente dadas: uma foi *piada* (“Um passarinho verde me *contou um pid*”); a segunda, *fiada* (note-se o ritmo das frases que as anunciam: “E *cantou no fio* [...]. Feito de poucos. De fato”).

O desfecho do comentário-resenha-saudação-notícia retoma um traço do poeta indicado nas linhas iniciais: “A chuva passa e, sem jeito, fico por aqui”. Desajeitado com valsas para brindar as efemérides poéticas tão importantes para si (os 15 anos de sua poesia, a estreia de Caê Guimarães, o retorno de Santos Neves à “Madame Poesia” e a proeza de Cardozo), o poeta comemora todas com seu texto sensível, afetuoso e humorado. Sozinho, mas sem chuva, mas com poesia.

Nesses textos de Blank o efeito de despretensão e de espontaneidade próprio da crônica é conseguido pela simplicidade e por certo ar confessional que embasam suas frases e comentários marcadamente pessoais, subjetivos. A ironia, sem dúvida, permeia a atmosfera, ora melancólica, ora divertida, evocada em suas impressões de leitor exigente e bem informado, sensível, mas declaradamente não acadêmico. Ao pontuar suas observações poéticas sobre as leituras feitas e sobre os autores, além de sua relação com eles, explicitada no primeiro texto, implícita no segundo¹³, Blank acabou por aderir à crônica, gênero amigo “da

¹³ Sérgio Blank e Caê Guimarães foram bons amigos e parceiros nas atividades literárias, como se pode perceber em entrevistas dos dois autores.

verdade e da poesia nas suas formas mais diretas [...], sobretudo porque quase sempre utiliza o humor” (CANDIDO, 2003).

Independentemente de se aceitar a hipótese de que estamos diante de duas crônicas bem conseguidas de Blank, fiados no que Candido entende por esse tipo de texto e no que Cabo Aseguinolaza propõe como gênero crítico, isto é, a percepção (ou, no caso específico, reconhecimento) de um gênero resultante do processo de acolhida e análise de textos inicialmente produzidos, recebidos e identificados como outro – o “comentário pessoal” para uma coluna sobre livros –, vale destacar a dimensão poética em sua linguagem (as personificações, como a “crueldade” da língua portuguesa ou a “conversa” com Madame Poesia; as metáforas da morte e das notícias, ou o jogo de ritmos e sons das palavras e frases), ao expor suas impressões breves sobre as obras que havia lido.

Outro aspecto a ser considerado a respeito da adesão desses textos à crônica é a inevitável ponderação sobre a estreita relação entre esta e o relativamente pouco conhecido poema em prosa. Fernando Paixão, que tem se dedicado ao escrutínio desse texto, observa que

[Os poemas em prosa] assumem um formato próximo do comentário, da anotação íntima ou casual, em que predomina a naturalidade discursiva. Nesses textos a propriedade dos argumentos e das rumações revela-se tão importante quanto as imagens evocadas; pensamento e visualidade articulam-se numa só dicção.

Sobressai uma escrita concisa – e contraditoriamente sentenciosa –, interessada muitas vezes em registrar o flagrante da subjetividade em face da circunstância real ou imaginária. Dito em outros termos: o poema se transforma em “pequena reflexão”¹⁴. Conceito arriscado, genérico demais talvez, mas que sintetiza numa só expressão essa qualidade difícil de conceituar e que está no cerne dessa poética. Impulsionado pelo viés reflexivo, o poema costuma deslizar para um

¹⁴ Para o autor, “Por pequena reflexão entenda-se não o conteúdo filosófico, de articulação racional, e sim a perspectiva de guardar distanciamento diante dos fatos e sensações percebidas. Mas, a atitude meditativa que prevalece em boa parte dos textos dessa natureza não provoca necessariamente uma depreciação do efeito poético. Ao contrário, pois essa mesma visão crítica recusa os mecanismos sociais que banalizam a linguagem e continua desejosa de uma expressão outra, em que seja possível uma linguagem pessoal e comprometida com a experiência vivida” (PAIXÃO, 2012, p. 283).

tom rebaixado, sem ornamentos, acionando uma sensibilidade aguda e sintética (2012, p. 283).

Os pesquisadores da crônica poderão aplicar essa definição à boa parte dos textos incluídos neste gênero, como as produzidas por Rubem Braga, cuja poeticidade resulta de uma reflexão acionada pela observação de uma paisagem (campestre ou urbana – lembre-se do famoso flamar da borboleta amarela e de seu observador, no centro da cidade), de um objeto, de uma circunstância e de outros detalhes “menores” do cotidiano, como o movimento do porto, num poema em prosa de Charles Baudelaire. Contudo, parece estar na diferença, mínima talvez, um aspecto pontual: a tendência de a crônica emparelhar não raro com o conto breve ou miniconto. Eis uma questão que merecerá discussão mais alentada em outro momento. Para já, acreditamos provisoriamente que o poema em prosa porventura seja o polo lírico-poético para que pende a crônica, quando esta não se inclina para o polo narrativo-poético (o que a leva para o conto ou miniconto). Para aquele parecem se inclinar os textos reunidos em *Blue sutil*, lançado em 2019, que ainda não tivemos chance de ler. No meio desses polos estaria porventura a crônica, nem conto nem poema, mas uma “conversa” ao pé do ouvido com os leitores de jornal. O que parece ser o caso dos dois textos de Blank.

Em que pese a dimensão preliminar destes apontamentos interessados em levantar um outro veio da produção literária do poeta, os dois textos de Sérgio Blank, mais que “apreciação” sobre suas leituras para uma coluna cultural de jornal, parecem imbricar na crônica, tão cara ao autor, tão afeiçoada “a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas”.

Ademais, nos assuntos, na composição solta, no ar de “coisa sem necessidade que costuma assumir”, essas crônicas de Blank se ajustam ainda a uma sensibilidade do cotidiano especial, o dos leitores, chamando a atenção para os que frequentam as estantes de grandes romancistas ou a “Casa de Tolerância da Madame Poesia”, sejam eles os que a leem e escrevem, sejam os que apenas a

leem. Ajustam-se, ainda, conforme o pensar de Candido, a “uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”: dois dedos de prosa, ao rés do dia a dia, numa tarde seca ou chuvosa, de todo modo poética.

Referências:

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Tradução de Gilson Maurity. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BLANK, Sérgio. Dois dedos de prosa com Amylton de Almeida. *A Gazeta*, Caderno 2, Vitória, p. 4, 17 mar. 1996.

BLANK, Sérgio. Poesia em meados de fevereiro. *A Gazeta*, Caderno 2, Vitória, p. 4, 22 fev. 1998.

CABO ASEGUINOLAZA, Fernando. *El concepto de género y la literatura picaresca*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1992.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: PARA GOSTAR de ler: crônicas. São Paulo: Ática, 2003. v. 5, p. 89-99. Disponível em: <<https://avidaaoresdochao.wordpress.com/versao-integral/>>. Acesso em: 22 set. 2020.

CULLER, Jonathan. Narrativa. In: _____. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução de Sandra G. T. Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999. p. 84-94.

EAGLETON, Terry. Sobre o riso. In: _____. *Humor: o papel fundamental do riso na cultura*. Tradução de Alessandra Bonruquer. Rio de Janeiro: Record, 2020.

GŁOWIŃSKI, Michał. Los géneros literarios. In: ANGENOT, Marc et al. (Dir.). *Teoría literaria*. México: Siglo Veintiuno, 1993. p. 93-109.

KENT, Thomas. Interpretation and genre perception. *Semiotica*, Amsterdam, v. 56, n. 1-2, p. 133-146, 1985.

MAIA, Rita de Cássia. “Vírgula”, de Sérgio Blank (1ª parte). *A Gazeta*, Caderno 2, Vitória, p. 4, 21 set. 1997.

MAIA, Rita de Cássia. “Vírgula”, de Sérgio Blank (2ª parte). *A Gazeta*, Caderno 2, Vitória, p. 4, 28 dez. 1997.

PAIXÃO, Fernando. Poema em prosa: poética da pequena reflexão. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 273-286, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/47557/51286>>. Acesso em: 22 set. 2020.

PAULINO, Sinval Soares. *Sol, solidão: análise da obra de Sérgio Blank*. Vitória: Jep, 2007.

PROPP, Vladímir. Os instrumentos lingüísticos da comicidade. In: _____. *Comicidade e riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992. (Série Fundamentos, v. 84). p. 119-133.

RITA, Anabela. Crónica. In: CEIA, Carlos (Coord.). *E-dicionário de termos literários*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2018-. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/cronica/>>. Acesso em: 25 set. 2020.

SALGUEIRO, Wilberth. Crônicas do Espírito Santo de Rubem Braga: escritos melancólicos e bem-humorados sobre o tempo – “Esse bicho que tudo come”. In: LOPES, Orlando; SODRÉ, Paulo Roberto; SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *Recados de tempo: estudos sobre as crônicas de Rubem Braga*. Vitória: Edufes, 2014. p. 229-248.

SODRÉ, Paulo Roberto. *Cantigas de madre galego-portuguesas: estudo de xéneros das cantigas líricas*. Traducción de Antonio Carregal. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro, 2008.

TATAGIBA, Fernando. Roer as unhas, até sair poesia. *Muquy News*, 1984.

RESUMO: Analisa dois textos de Sérgio Blank, publicados na coluna “O que você lendo?”, de *A Gazeta*, dos anos de 1990, e avalia sua adesão ao gênero crônica. Apoiam a análise textualista o estudo sobre crônica de Antonio Candido e a noção de gênero crítico de Fernando Cabo Aseguinolaza.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica brasileira contemporânea. Crônica brasileira contemporânea – Espírito Santo. Sérgio Blank – “O que você está lendo?”. Sérgio Blank – Crônicas.

ABSTRACT: It observes two texts by Sérgio Blank, published in “O que você lendo?”, from the newspaper *A Gazeta*, during the 1990s. It considers those texts as chronicles, according to Antonio Candido’s studies about this gender and to Fernando Cabo Aseguinolaza’s notion of critical gender.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian Chronicles. Contemporary Brazilian Chronicles – Espírito Santo. Sérgio Blank – “O que você está lendo?”. Sérgio Blank – Chronicles.

Recebido em: 30 de setembro de 2020

Aprovado em: 7 de outubro de 2020